

## GEOGRAFIA ESCOLAR BRASILEIRA: UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO COM AILTON KRENAK E FRANCISCO JULIÃO NO ENSINO MÉDIO

Analice Passos Costa Gramacho<sup>1</sup>  
Delor Gerbase Gramacho<sup>2</sup>  
Noeli Pertile<sup>3</sup>  
Imaira Santa Rita Régis<sup>4</sup>

### RESUMO

O trabalho consiste na discussão de uma proposta de atividade didática utilizando textos de Ailton Krenak e Francisco Julião, a partir da constatação da ausência desses autores como referenciais teóricos no debate agrário e indígena no Ensino Médio e na Graduação. A experiência, desenvolvida em turmas de 3º ano de uma escola estadual no município de Salvador foi construída coletivamente a partir de pesquisa bibliográfica e, posteriormente, discutida e analisada servindo-se da ferramenta “nuvem de palavras”. Pôde-se perceber que a história de vida e a produção escrita desses dois sujeitos geram, nos estudantes, empatia e reflexão, e podem servir como subsídio para a construção de um ensino-aprendizagem genuinamente brasileiro; rico em identidade e memória, decolonial e que permite ao professor e ao aluno a articulação e compreensão de conceitos e conteúdos do ensino escolar de Geografia, propostos pelas Orientações Curriculares para o Ensino Médio.

**Palavras-chave:** Geografia Escolar, Orientações Curriculares Nacionais, Questão Agrária, Questão Indígena.

### ABSTRACT

The work consists of a discussion of a proposal for a didactic activity using texts by Ailton Krenak and Francisco Julião, based on the finding of absence of these authors as theoretical references in the agrarian and indigenous debate in high school and undergraduate courses. The proposal, developed in 3rd year classes at a state school in the city of Salvador, was collectively constructed through bibliographical research and subsequently discussed and analyzed using the “word cloud” tool. It was noticed that the life story and written production of these two subjects generate empathy and reflection in students, and can serve as a subsidy for the construction of a genuine Brazilian teaching-learning experience; rich in identity and memory, decolonial and of which allows teachers and students to articulate and understand the concepts and contents of Geography teaching in school, proposed by the Curricular Guidelines for Secondary Education.

**Keywords:** School Geography, National Curricular Guidelines, Agrarian Question, Indigenous Issue.

---

<sup>1</sup> Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano – UNIFACS-BA, analice\_pcn@yahoo.com.br;

<sup>2</sup> Mestrando em Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF- BA, delorgerbase@hotmail.com;

<sup>3</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFBA, npertile@ufba.br;

<sup>4</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia- UFBA, imairaregistrs@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

É perceptível como, apesar da evolução do ensino na educação básica, da tecnologia desenvolvida pela educação superior, estudos de pós-graduação e experiências docentes diversificadas, o ensino de geografia segue referenciando os mesmos autores. O presente estudo aponta a ausência de Ailton Krenak e Francisco Julião nas orientações Curriculares do ensino fundamental e médio, bem como nas ementas de disciplinas introdutórias de cursos de Geografia, destaca o seu potencial crítico e sua importante inclusão nos programas do ensino médio para abordar as questões indígena e agrária, respectivamente. A constatação da ausência desses debates e autores no Ensino Médio e na Graduação foi percebida a partir de discussões do Núcleo de Estudos Regionais e Agrários (NERA-UFBA) com os referidos autores, motivando a concepção desse trabalho.

Com a geografia pode-se refletir sobre o território, a sociedade e a natureza em constante transformação. Um território abriga seu povo e este transforma o território, mas no percurso formal de educação essas relações dificilmente aparecem. E, quando aparecem, são segmentadas. A inclusão de Ailton Krenak e Francisco Julião como referenciais no estudo de geografia é a materialização de uma proposta de interpretação do território aliada à formação de consciência e luta política e epistemológica no âmbito da Geografia escolar e acadêmica.

Assim, compreendendo a necessidade de uma educação reflexiva e autônoma do jovem para sua inserção mais efetiva e participativa na sociedade, este trabalho propõe o estudo mais aprofundado sobre a vida de Francisco Julião e sua relação com as Ligas Camponesas, bem como o uso exaustivo das narrativas de Ailton Krenak, no Ensino Médio, a fim de aproximar esses dois sujeitos da recente história brasileira, dos conceitos básicos estruturantes da Geografia no que diz respeito ao debate crítico de questões agrárias e indígenas, sob a normativa das *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, Ciências Humanas e Tecnologias*. Especificamente, o trabalho objetiva ainda:

- demonstrar o potencial crítico da inclusão dos referidos autores nos programas de formação em Geografia e do Ensino Médio quanto às questões agrárias e indígenas;
- proporcionar a reflexão e prática de um ensino-aprendizagem alinhado às questões do campo e dos povos originários;
- subsidiar a construção de planos de ensino e outros desdobramentos não alinhados às políticas curriculares neoliberais;

compartilhar a experiência obtida a partir dessa proposta implantada em quatro turmas do ensino médio em escola estadual de Salvador-BA.

Ressalta-se, neste trabalho, o uso das obras “O amanhã não está a venda”, de Ailton Krenak; “Cambão: a face oculta do Brasil”, de Francisco Julião, textos a eles referenciados, “Pedagogia da Autonomia”, de Paulo Freire e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Ciências Humanas. Como colocado anteriormente, faz-se necessário um ensino de Geografia crítico: “não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim uma escolha entre isto e aquilo” (FREIRE, 1996, p.115).

O presente trabalho se justifica pela busca da materialização de uma interpretação do território aliada à formação de consciência e luta política e epistemológica na Geografia Escolar e Acadêmica.

Espera-se, num processo de mediação entre o estudante, seu conhecimento cultural acumulado e a interação com a literatura de Ailton Krenak e Francisco Julião, possibilitar que o aluno compreenda a realidade, exercendo conscientemente sua cidadania. Os pensamentos e experiências de lutas políticas de Francisco Julião e Ailton Krenak, relacionados a conceitos das Geografias, e as questões Agrárias e Indígenas, podem, além de proporcionar a reflexão e prática de um ensino-aprendizagem alinhado às questões do campo e dos povos originários, acrescentar propostas metodológicas de ensino sobre tais questões, dada a ausência ou pouca referência em trabalhos que envolvam povos indígenas e do campo; e subsidiar a construção de planos de ensino e outros desdobramentos não alinhados às políticas curriculares neoliberais.

## **METODOLOGIA**

Os caminhos metodológicos para a construção desse texto se concentram na pesquisa teórica de caráter qualitativo, como indica Minayo (2007): “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2007, p.21). Terá como base as técnicas de análise de conteúdo nas turmas de 3º ano do Ensino Médio do Colégio da Polícia Militar – Unidade Lobato (Salvador-BA); análise de ementas de disciplinas introdutórias de cursos de Graduação em Geografia, do município de Salvador-BA; e técnica de revisão da literatura de referência, o que Azevedo (1999, p.55) aponta como “um exame crítico das contribuições dos autores”, em constante relação com a observação e a experiência.

Análise de ementas de disciplinas introdutórias de Cursos de Graduação (Licenciatura Diurna, Licenciatura Noturno e Bacharelado) em Geografia do município de Salvador-BA, em consultas aos planos disponibilizados nos sites institucionais.

Elaboração, aplicação e análise de intervenção didática realizada entre 11 e 14 de abril de 2023, em 04 turmas de 3º ano do Ensino Médio do Colégio da Polícia Militar – Unidade Lobato, em Salvador-BA, totalizando 54 estudantes. Para a melhor compreensão das respostas da atividade didática, foi empregada a técnica de nuvem de palavras, a partir do programa “WordClouds<sup>5</sup>”, permite ao pesquisador se deter em suas peculiaridades, nas nuances que se expressam, do mesmo modo que nas relações entre as unidades de sentido assim construídas, pois a especificidade dos elementos do conteúdo e as relações entre esses elementos são portadoras da significação da mensagem analisada e que é possível alcançá-la pela construção iterativa de uma explicação sem mergulhar na subjetividade (Laville; Dionne, 1999). Ainda de acordo com Vasconcellos; Araújo (2019) a nuvem de palavras “oferece distanciamento suficiente ao escrutínio isento conjugado ao envolvimento do pesquisador com discursos e novos sentidos, oferecendo quadros conceituais úteis à síntese, sistematização e compreensão enriquecida de um conjunto de ideias que poderiam subsidiar proposições”.

As nuvens de palavras elaboradas foram analisadas em um segundo momento pelos próprios alunos, sendo um segundo momento de reflexão da atividade didática.

## INTERVENÇÃO DIDÁTICA

A intervenção didática proposta seguiu na seguinte ordem:

1. Seleção de dois trechos significativos de obras dos autores, a partir das palavras-chave “terra, humanidade, homem, vida”, conforme Figuras 1 e 2.

Figura 1 – Texto selecionado de Francisco Julião

Não cometeria um erro em afirmar que dentro de cada um de nós se esconde um camponês. O homem, viva ele em Nova Iorque, Londres ou Paris, sem que jamais tenha sequer ido ao campo, é tomado de uma súbita tristeza, uma vaga nostalgia ao avistar da janela de seu apartamento uma árvore recortando a paisagem monótona da imensa urbe ou a brutalidade dos arranha-céus.

Essa árvore evoca os ancestrais. E como esses ancestrais foram camponeses, não há ninguém que não se sinta, naquele instante, um desterrado. É que todos vieram da terra: os ricos, em busca de mais riqueza, e os pobres, de salvação. Basta uma árvore solitária entre blocos de cimento armado para despertar em qualquer um deles a lembrança viva da gleba que ficou para trás, perdida na penumbra do tempo. Podemos olvidar a infância, o amor, a alegria, o sofrimento - todas as coisas abstratas, mas nunca a terra, mesmo quando não a temos sob nossos pés ou descansamos à sombra de uma árvore. É que a terra tem mais força do que nosso sangue, circula dentro dele, dá-lhe a substância de que se nutre, e mais do que isso, a

<sup>5</sup> A nuvem de palavras pode ser construída a partir do programa “WordClouds”, disponível no site: <https://www.wordclouds.com/>



vida. Por isso, basta a simples visão de uma árvore solitária para despertar a nostalgia da terra. Da terra perdida.

O homem, antes de tudo, é a terra. Em todos os tempos, ela é para ele a sua encarnação, o seu sonho. Cada sulco que lhe abre é uma esperança, cada semente que lhe lança, um ato de amor, e cada colheita que lhe oferece, um canto de vitória. Ainda hoje é assim. E será sempre.

Mas há também o homem dono da terra. E a ambição o degrada se a toma para si como objeto de propriedade exclusiva, quando ela deve ser o principio e o fim, o alfa e o ômega, o ponto de apoio, o centro e o eixo de toda a humanidade. [...] Não há uma seita religiosa, um livro sagrado, um código de leis, uma obra de arte - tudo o que é limitação e transcendência, essência e aspiração que não reflita a ligação íntima, necessária e inevitável entre o homem e a terra.

Fonte: *Cambão: a face oculta do Brasil*. Recife: Bagaço, 2013, p.65-67.

### Figura 2 – Texto selecionado de Ailton Krenak

É terrível o que está acontecendo, mas a sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade. Pelo contrário. Desde pequenos, aprendemos que há listas de espécies em extinção. Enquanto essas listas aumentam, os humanos proliferam, destruindo florestas, rios e animais. Somos piores que a Covid-19.

Esse pacote chamado de humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos.

Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam se manter agarrados nessa Terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. Esta é a sub-humanidade: caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes. Existe, então, uma humanidade que integra um clube seletivo que não aceita novos sócios. E uma camada mais rústica e orgânica, uma subhumanidade, que fica agarrada na Terra. Eu não me sinto parte dessa humanidade. Eu me sinto excluído dela.

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.

Fonte: *O amanhã não está à venda*. Guarulhos: Companhia das Letras, 2020, p.25.

2. Construção coletiva da atividade em diálogo com as disciplinas Geografia e Sociologia e em reunião no Núcleo de Estudos Regionais e Agrários – NERA/UFBA.

### Quadro 1 – Questões da Atividade

Professor: Fazer uma pequena introdução apresentando os autores e suas épocas.	
1. Leia os textos com atenção.	Hipótese: o texto possibilita mudança de olhar, e de percepção.
2. Sublinhe nos dois textos as palavras terra, humanidade, homem, vida	
3. Recolha dos dois textos as frases onde se encontram as palavras terra, humanidade, homem, vida.	
4. A partir das frases que você escolheu, responda: a) Que afirmação de Krenak lhe chamou mais atenção? b) Qual a afirmação de Julião lhe chamou mais atenção?	Hipótese: Os textos possibilitam uma visão crítica complementar à visão que o aluno tem.
5. Quais as semelhanças nas afirmações dos autores?	
6. Você já tinha ouvido falar de alguns desses autores? Se sim, como e onde?	
7. Releia os textos e escreva um título para cada texto no local indicado.	

Fonte: Os autores, 2023.

### 3. Aplicação da atividade na seguinte sequência:

- Leitura em dupla dos trechos dos autores;
- Interação com as palavras-chave;
- Interação com as afirmações dos autores;
- Releitura dos trechos e construção de títulos;
- Análise do conteúdo da atividade utilizando a ferramenta nuvem de palavras;
- Reflexão crítica com os estudantes a partir da nuvem de palavras, em pequenos grupos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aprendizagem da Geografia favorece o reconhecimento da diversidade étnico-racial e das diferenças dos grupos sociais, com base em princípios éticos (respeito à diversidade e combate ao preconceito e à violência de qualquer natureza). Segundo o documento *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, Ciências Humanas e Tecnologias*, “é fundamental ter como ponto de partida a reflexão sobre o objeto da Geografia, que é a realidade territorial criada a partir da apropriação do meio geográfico pela sociedade (BRASIL, 2006, p. 46)”.

A partir dessa afirmação, e diante do cenário de dificuldades que atravessam o campo brasileiro e os povos originários na luta por seus territórios e afirmação identitária, faz-se necessária uma maior difusão da vida e obras de Francisco Julião e Ailton Krenak, bem como os movimentos por eles defendidos. Essa difusão cabe também para o processo formativo do professor, “que deve ter uma formação crítica e aberta à possibilidade da discussão sobre o papel da Geografia na formação geral dos cidadãos, sobre as diferentes concepções da ciência geográfica, sobre o papel pedagógico da Geografia escolar” (BRASIL, 2006, p. 46).

Em análise das ementas das disciplinas introdutórias dos Cursos de Graduação (Licenciatura Diurna, Licenciatura Noturna e Bacharelado) em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), a partir dos planos disponibilizados nos sites institucionais, constatou-se que a questão agrária está presente na disciplina Geografia Agrária e a indígena está presente nas disciplinas História da Educação Brasileira e Organização da Educação Brasileira.

Em Geografia Agrária, segundo a professora responsável pela disciplina, embora as questões e autores aqui referenciados não constem na ementa oficial (admite apenas sete autores), eles são trabalhados dentro e fora de sala de aula, em seminários, documentários,

eventos e trabalho de campo. Ainda nessa questão, é organizada, anualmente, a Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA), onde ocorre ampla participação de discentes de graduação, em especial, os estudantes matriculados em Geografia Agrária que também são envolvidos na organização da atividade. Nesta, normalmente são convidadas organizações e/ou movimentos sociais do campo e indígenas, aprofundando o debate, conforme pode-se verificar nos conteúdos disponíveis na página de Núcleo de Estudos Regionais e Agrários (NERA-UFBA)<sup>6</sup>. Já em relação às disciplinas do campo da educação, anteriormente citadas, os autores, também não constam nas referências dos programas, contudo, são abordados na sala de aula, com seminários, filmes, debates e atividades lúdicas com intenso senso crítico, conforme relato de estudantes. Em relação às demais instituições que oferecem o Curso de Graduação em Geografia, as ementas ainda não foram verificadas, pois a pesquisa encontra-se em andamento.

Já na intervenção didática proposta e experienciada em sala de aula, pôde-se identificar a aproximação conceitual entre os pensamentos e experiências de lutas políticas de Ailton Krenak e Francisco Julião. Ambos denunciam a opressão, a subalternidade e a luta por terra e território, frutos de um sistema capitalista e da colonialidade ainda arraigada no Brasil contemporâneo.

Figura 3 – Aplicação da atividade em sala de aula<sup>7</sup>



Fonte: Os autores, 2023.

Francisco Julião Arruda de Paula nasceu em 1915, em Bom Jardim, no agreste pernambucano. Formou-se advogado, foi eleito deputado em legislaturas estadual e federal, atuou como representante legal das Ligas Camponesas, destacadamente no Engenho Galiléia,

<sup>6</sup> Como exemplos, pode-se citar as mesas “MST: Soberania Alimentar e Projeto de País”, em 2022, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_JajOc5Va3Q](https://www.youtube.com/watch?v=_JajOc5Va3Q); e a “Educação Escolar Indígena, autonomia e identidade territorial”, em 2022, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NasYy3AALRw>

<sup>7</sup> Para preservar a imagem dos estudantes os autores aplicaram imagens de bloqueio.

no município de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco. Com seu engajamento e sua pedagogia, denunciou as arbitrariedades que aconteciam no campo e deu forma à consciência já revolucionária de um povo que percebia a injustiça das relações de trabalho e propriedade. “Ainda que não se deva atribuir exclusividade à estratégia pedagógica concebida por Julião no processo de expansão das Ligas Camponesas, é inegável que mesmo de maneira parcial ela parece ter contribuído significativamente para tal êxito” (MOTTA e ESTEVES, 2008, p.6).

Por sua vez, Ailton Krenak, ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, nasceu em 1953, na região do vale do rio Doce, atual território do povo Krenak, um lugar cuja ecologia se encontra profundamente afetada pela atividade de extração de minérios (KRENAK, 2019, p. 41). Essa região, em 2015, sofreu o maior desastre ambiental na área de mineração do mundo até então, segundo reportagem do Jornal El País, quando o rompimento de uma barragem provocou uma enxurrada de lama tóxica, que dizimou o distrito de Bento Rodrigues e deixou 19 mortos, além de devastar a bacia hidrográfica do Rio Doce, matar a vida aquática e acabar com o turismo e subsistência de milhares de pessoas (El país, 2019). Ailton Krenak organizou a Aliança dos Povos da Floresta, é coautor da proposta da Unesco que criou a Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço em 2005 e é membro de seu comitê gestor. É comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República e doutor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais (KRENAK, 2019, p.41). Em outubro de 2023 tornou-se o primeiro indígena eleito na Academia Brasileira de Letras.

O trabalho com esses autores em sala de aula atende às competências dispostas nas *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*, como “estimular o desenvolvimento do espírito crítico”, “capacidade de compreender os fenômenos locais, regionais e mundiais expressos por suas territorialidades, considerando as dimensões de espaço e tempo” e “capacidade de articulação dos conceitos” (BRASIL, 2006, p. 45); competências essas expressas pela nuvem de palavras resultante da questão 4, como segue.

Figura 4 – Nuvem de palavras da questão 4 (A partir das frases que você escolheu, responda: a) Que afirmação de Krenak lhe chamou mais atenção? b) Qual a afirmação de Julião lhe chamou mais atenção?).







si nos grupos de trabalho, os estudantes demonstram acessar de forma mais direta os ensinamentos dos autores e permitiu também que se sentissem parte ativa em suas críticas. Destaque para a produção do grupo 2, em relação ao texto de Ailton Krenak, que trouxe o “esquecimento da natureza” como fator de risco para a vida em sociedade. Esse mesmo grupo, em relação ao texto de Francisco Julião percebeu a importância da “ancestralidade” como elemento constituinte da conexão entre a humanidade e a natureza.

Figura 7 – Nuvens de palavras sendo analisada pelos estudantes



Fonte: Os autores, 2023.

A atividade despertou emoção e empatia em relação aos indígenas e aos homens do campo. Essa empatia pode ser relacionada ao sentimento de exclusão compartilhado pelos alunos, como tomada de consciência das questões agrária e indígena. O potencial crítico da inclusão de Ailton Krenak e Francisco Julião no Ensino Médio fica patente, seja como tema gerador, seja como nova forma de reflexão sobre os objetos da geografia.

Para fins de registro de aula e conteúdo junto à secretaria escolar, a atividade comporta as seis Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio da BNCC. Entre elas, destaca-se a Competência 01 (analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica). Pode ainda ser enquadrada na Habilidade (EM13CHS101), “identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas

linguagens com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que Francisco Julião, apesar de sua importância, está preterido do debate sobre a questão agrária em sala de aula e Ailton Krenak, apesar de sua longa trajetória, recebeu um destaque maior somente nos últimos anos, especialmente no durante a pandemia de Covid-19. Conclui-se que, tanto a militância, quanto a produção literária de ambos é pouco conhecida e utilizada no ensino de Geografia e na formação de professores, considerando a análise parcial efetuada nas ementas das disciplinas.

Associar o movimento das Ligas Camponesas e as recentes lutas pelo acesso à terra, bem como o genocídio dos povos originários e a resistência indígena atual, é um caminho pedagógico que: viabiliza a reflexão e a prática de um ensino-aprendizagem alinhado às questões do campo e dos povos originários; estabelece alianças entre a luta política e epistemológica no âmbito da Geografia Escolar e Acadêmica; corrobora para a estruturação de epistemologias outras vinculadas às lutas e resistências dos grupos e lugares que foram e são vítimas do processo colonial; e subsidia a construção de planos de ensino e outros produtos com conceitos, abordagens e categorias geográficas mobilizadas na construção de um diálogo que permeia a sala de aula e a formação do professor, constituindo uma possibilidade de enfrentamento dos limites e dos múltiplos desafios do ensino de Geografia.

A história de vida e a produção escrita desses dois sujeitos podem servir para a construção de um ensino-aprendizagem genuinamente brasileiro; rico em identidade e memória, decolonial e que permite ao professor e ao aluno a articulação e compreensão de conceitos e conteúdos do ensino escolar de Geografia, propostos pelas Orientações curriculares para o ensino médio, e que elas reverberem na formação de um estudante do Ensino Médio crítico, conhecedor de sua própria história, enquanto cidadão brasileiro, autônomo, e participativo nas questões socioespaciais em seu entorno.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Israel Belo de. **O prazer da produção científica**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1999.

BAPTISTA, C. R. *et al.* **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas**. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.



BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em:  
<[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>  
Acesso em 03 out 2023.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio** - Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: 2006. 133 p. (vol 3).

CÂMPERA, Francisco. Desastre em Brumadinho - Vale, exemplo mundial de incompetência e descaso. **El País**, 28. Jan. 2019. Disponível em:  
< [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/27/opinion/1548547908\\_087976.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/27/opinion/1548547908_087976.html)>. Acesso em 03.jul.2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** – saberes necessários à prática educativa. 12<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JULIÃO, Francisco. **Cambão**: a face oculta do Brasil. Recife. Bagaço: 2013.

LAVILLE, Christian. DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está a venda**. Guarulhos: Companhia das Letras, 2020. Disponível em:  
<https://ds.saudeindigena.icict.fiocruz.br/bitstream/bvs/1969/1/Krenak%20Ailton%20-%202020%20%20O%20amanh%C3%A3%20n%C3%A3o%20est%C3%A1%20a%20venda.pdf>. Acesso em: 25 abr 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para mudar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

MINAYO, M C de S. (org.) **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOTTA, Márcia. ESTEVES, Carlos Leandro. Ligas Camponesas: história de uma luta (des) conhecida. In Motta, Márcia; Zarth, Paulo. **Formas de resistência camponesa**. vol. II. São Paulo: UNESP, 2008. p. 243-257.

VASCONCELLOS-SILVA, Paulo. ARAUJO-JORGE, Tania. **Análise de conteúdo por meio de nuvem de palavras de postagens em comunidades virtuais**: novas perspectivas e resultados preliminares. In. *Investigação Qualitativa em Saúde*. 2019. v. 2. Disponível em:  
Acesso em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2002>. Acesso em: 20 abr 2023.